

A ARTE DE CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS

(Bia Bedran)

Desde menina muito pequena, lembro de minha mãe ora na beira da cama do meu quarto contando uma história, ora com o violão cantando modinhas e toadas encantadoras que falavam de amor, jangadeiros, mar, passarinhos, saudade, casinhas pequeninas, beira-rios, azulões, amores ingratos, finais felizes, solidão, anéis, viagens sem fim.

Acredito que essa primeira contadora de histórias e também cantadeira que tive o privilégio de ter, me alfabetizou num mundo imaginário infinito e singular, fomentando minha sede de leitura para sempre antes mesmo que eu soubesse da existência das letras.

A musicalidade profundamente brasileira do repertório de Dona Wanda, que também foi educadora e diretora do “Jardim de Infância Angelus” e que alfabetizava através da arte na década de 40, deixou sua marca na minha precoce carreira de compositora iniciada aos nove anos de idade.

O dom de cada um, que se revela em alguma área do viver de qualquer pessoa é uma chancela que se carrega até o fim e representa uma parte importante na caminhada do indivíduo, mas o exemplo e o estímulo continuado são os grandes responsáveis pela fertilidade do solo e pela qualidade dos frutos.

Estamos vivendo um tempo em que aquela cena descrita acima (mãe e/ou pai de livro na mão, contando histórias e/ou acalentando seu filho) está quase extinta dos lares de qualquer classe social brasileira cabendo, portanto, ao educador, muito da tarefa de despertar a infância para a literatura.

Quando os educadores se mostram apaixonados pelas histórias, permitem que as crianças leiam o mundo através delas desenvolvendo sua capacidade criativa e sua oralidade.

Tenho absoluta certeza de que as crianças que participam continuamente de uma boa narração de histórias terão uma memória sensorial do prazer que essa experiência lhes oferece e no futuro vão encarar páginas e mais páginas de livros, só pelas boas lembranças de uma viagem literária. *O ato de ler e escrever histórias é fazer um bem; ouvi-las e contá-las, também.*

Sentir e entender. Cognição e sensibilidade. É uma arte conjugar essas possibilidades num mundo assustador que separa, discrimina e subjuga o “ser”

pelo “ter” ao instalar a necessidade do consumo logo na infância, território sagrado do indivíduo aprendiz.

É aí que o contador de histórias revela seu papel formador: a criança nos seus primeiros anos de vida tem uma leitura parcial da narrativa, percebendo mais o afeto presente naquele momento do que propriamente o conteúdo do conto. Ela “lê” a voz do narrador, a musicalidade das inflexões naturais do texto e principalmente a proximidade do outro. Tempos depois a criança apreenderá o conteúdo daquela história e provavelmente se identificará com algum personagem que tenha a ver com algo dentro dela.

Nesse momento de troca fundamental nos dias de hoje, os contadores de histórias conseguem prolongar a magia da infância entregando à criança o exercício do pensamento e potencializando sua capacidade imaginativa.

O canto é um poderoso aliado da narrativa. Uma pequena frase musical é capaz de enfatizar conceitos e sublinhar sentidos.

Não é necessário ser um cantor profissional para utilizar o recurso da voz cantada, assim como não precisa ser um ator para se contar bem uma história. A naturalidade com que se conta um episódio cotidiano deve ser lembrada como estratégia principal na hora do desenvolvimento da narrativa. Com o cantar acontece o mesmo: ele deve se integrar à história com a alegria e o despojamento que um simples cantarolar possui.

Com a continuidade do exercício de pesquisar cantigas populares brasileiras sempre tão encantadoras e singelas, o contador de histórias naturalmente começará a criar melodias inspiradas naquele rico material. A fusão da fala com o canto virá como uma cor na paisagem imaginária.

Além da criação das inserções musicais, o contador de histórias brasileiro tem a vantagem de morar num país riquíssimo de tradição oral, onde muitos contos já são transmitidos com melodias próprias, isto é, chegaram até os dias de hoje atravessando gerações que entoaram suas canções maravilhosas.

Portanto tenho como lema neste meu trabalho como contadora de histórias a seguinte expressão:

“Era uma vez, era uma outra vez, era sempre uma vez...”

Bia Bedran é graduada em Musicoterapia e em Arte- Educação pelo Conservatório Brasileiro de Música, RJ

Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes, pela Universidade Federal Fluminense- UFF